



AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: RELAÇÃO E IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autores. 1Simone Aires da Silva 2. Marli Dallagnol Frison 1 Mestranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). Ijuí-RS, Brasil. airesimone@hotmail.com. 2 Professora do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui. Ijuí-RS, Brasil. marlif@unijui.edu.br.

Tema. Eixo temático 6.

Modalidade 1. Nível educativo Educação Básica

Resumo: Este artigo socializa reflexões de uma pesquisa que investigou sobre afetividade e aprendizagem, atentando para a relação e as implicações no desenvolvimento cognitivo e afetivo de estudantes do Ensino Fundamental. O estudo pautou-se na abordagem qualitativa, tipo estudo de caso. Envolveu uma professora que atuava na disciplina de ciências e uma turma de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Os dados foram produzidos por meio de dois questionários, um deles, aplicado à professora, e o outro, aos seus estudantes. Resultados apontam que existe uma relação importante entre afetividade e aprendizagem, e que o desenvolvimento cognitivo e o afetivo são processos dependentes, segundo a perspectiva teórica histórico-cultural, assumida neste trabalho.

Palavras-chave: Ensino Escolar, Interação, Conhecimento Escolar, Formação de Professores.

Introdução

A relação entre afetividade e aprendizagem e as implicações no desenvolvimento cognitivo e afetivo dos estudantes é algo que merece atenção. Estas inquietações e indagações emergiram a partir da escuta de relatos de professores de uma escola estadual de Ensino Fundamental, em momentos de encontros (recreio) na sala dos professores, quando estes demonstravam a preocupação com os comportamentos dos alunos e com a falta de interesse e de estímulos em aprender. Compreende-se que os sentimentos manifestados por esses sujeitos têm relação com a afetividade (Wallon, 2007). Da mesma forma, entende-se que uma relação positiva e sadia entre os sujeitos que constituem a sala de aula contribui para a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante, pois, ao ser reconhecido e valorizado pelos colegas e professores, ele (estudante) se sente motivado e seguro de suas ações. Considera-se que o modo como o estudante for afetado, positiva ou negativamente, pode contribuir ou dificultar em seu processo formativo e sua constituição como um todo.

Assim sendo, aponta-se para a necessidade de discutir essa questão nos diferentes ambientes sociais de formação do professor. Destaca-se que a temática da afetividade tem sido um tema crescentemente abordado no ambiente acadêmico nas duas últimas décadas. Leite (2012) indica que “as emoções e os afetos sempre foram objetos das grandes teorias psicológicas, porém muito mais como preocupação teórica do que como objeto de produção de pesquisas científicas” (Leite, 2012, p. 356). Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo geral compreender e investigar a relação entre afetividade e aprendizagem em uma abordagem histórico-cultural. A pergunta que orientou o estudo foi: Qual a relação entre afetividade e aprendizagem no desenvolvimento dos estudantes de Ensino Fundamental?. A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual, com uma turma do 6º ano de Ensino Fundamental, no município de Três de Maio, na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Referencial teórico

Refletir sobre a afetividade no espaço escolar entre professor e aluno, e aluno e alunos e objeto do conhecimento e a sua contribuição para o desenvolvimento do ensino e de uma aprendizagem de qualidade, bem como promover novos conhecimentos é essencial na atualidade.

Nesta perspectiva, os sujeitos envolvidos neste estudo são alunos do Ensino Fundamental que, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), tem nove anos de duração, sendo a etapa mais longa da Educação Básica e que abrange estudantes entre 6 e 14 anos de idade. A BNCC define que as crianças e adolescentes “ao longo desse período de escolarização, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais”, entre outros (Brasil, 2017, p. 57). Essa pesquisa está apoiada em teóricos como Wallon (2007) e Vigotski (2007), que defendem que, desde o nascimento, o ser humano é afetivo, e que ao longo da vida, essa afetividade inicial vai se modificando com as vivências e experiências por meio da razão e do meio social. Os autores afirmam que o desenvolvimento afetivo e o cognitivo não se separam, pois mantém um elo entre si (Wallon, 2007; Vigotski, 2007). Tassoni (2008) explica que, para Wallon (2007), a afetividade refere-se “a uma gama de manifestações, revelando a capacidade do ser humano ser afetado pelos acontecimentos, pelas situações, reações de outras pessoas” (p. 1), bem como por acomodações internas do próprio sujeito. Wallon (2007) infere que:

O prazer ou o alívio parecem acompanhar os espasmos em que se despende uma tensão excessiva em demasia. É o caso dos soluços, que são um remate habitual da angústia, e menos excepcional que o espasmo venéreo. O riso intermitente e estridente pode ser igualmente a descarga de uma expectativa ou de um constrangimento prolongado, a evasão de energias retidas e acumuladas. O espasmo alicerça-se na atividade tônica dos músculos que precedem os movimentos propriamente dito (Wallon, 2007, p. 146).

Sobre isso, Mahoney e Almeida (2005), apoiadas nas ideias de Wallon (2007), depreendem que a “afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (p. 19-20). Ao ser afetado, o indivíduo reage com atividades internas/externas que a situação desperta pelo meio social.

A partir das ideias das autoras, entende-se que a afetividade precisa ser desenvolvida no sujeito, estando sob a responsabilidade do professor a condução desse processo, na busca pela ampliação das condições para a ocorrência da aprendizagem em sala de aula, uma vez que, como lembra Vigotski (2010),

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (p. 115).

Por conseguinte, Wallon (2007) e Vigotski (2007) afirmam que o desenvolvimento afetivo e o cognitivo não se separam e são dialógicos. Os autores defendem a ideia de que a afetividade é essencial no desenvolvimento em todas as etapas da vida, e em todos os indivíduos, de todas as idades, especialmente na infância, mas que também ocorre ao longo da vida.

Metodología

A presente pesquisa se insere na modalidade de Estudo de Caso, pois, como refere Yin (2001), devemos utilizar este método quando se quer entender um fenômeno social complexo ou explicar ligações causais em intervenções ou situações da vida real complexas demais para tratamento por meio de estratégias experimentais ou de levantamentos de dados. O Estudo de Caso tem a finalidade de descrever um contexto de vida real no qual uma intervenção ocorreu, tendo indicação de utilização quando a pergunta da pesquisa é apresentada por meio de “como” ou “por que”.

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual de educação básica de nível fundamental, localizada no município de Três de Maio, na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Os sujeitos envolvidos na pesquisa são a professora regente da disciplina de ciências e 34 estudantes matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental. Num primeiro momento, foi realizada a observação de 6 períodos de aulas, com participação indireta, atendendo ao que Marconi e Lakatos (2003, p. 274) explicam sobre esta metodologia – a observação de campo –, que permite “explorar ambientes, subculturas e a maioria dos aspectos da vida social do grupo a estudar”. Para a produção dos dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: 2 questionários com perguntas abertas, sendo um deles aplicado à professora de ciências que atua no 6º ano do Ensino Fundamental, e o outro, aplicado aos estudantes matriculados nesse mesmo ano. Destes questionários foram utilizadas 3 questões: 1) O que você entende por afetividade?; 2) Que fatores podem interferir no estabelecimento (ou não) de relações de afetividade entre professor e estudantes e entre estudantes?; e 3) Quais os efeitos destes fatores nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes? A organização, análise e discussão dos dados produzidos consideraram os pressupostos teóricos da análise textual discursiva (ATD), a qual possibilita a análise dos conteúdos dos questionários aplicados em sala de aula, mediante a utilização dos excertos das narrativas (Moraes & Galiuzzi, 2011).

A pesquisa obedeceu aos princípios éticos. A participação da professora e dos estudantes na pesquisa foi autorizada pela direção da escola e pela 17ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Todos os sujeitos incluídos na pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No decorrer da escrita, como princípios éticos, preservou-se em sigilo a identidade dos sujeitos pesquisados, fazendo referência aos mesmos por meio da letra maiúscula A, para aluno, seguindo a sequência numérica A1, A2, A3, A4, e assim por diante, para representá-los, e PC, para a professora da disciplina de ciências. Os sujeitos apresentados no estudo são adolescentes que possuem idades entre 14 e 16 anos. Para desenvolver esta pesquisa, o projeto obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unijuí, sob o Nº de CAAE: 20189819.5.0000.5350.

Resultados e Discussões

A análise das respostas dadas ao questionário revelou que, tanto para os alunos quanto para a professora de ciências, a questão da afetividade não é um tema inserido nas discussões na escola. Ao serem questionados com a pergunta “O que você entende por afetividade?”, aos poucos os alunos foram se posicionando sobre o que sentiam, sobre o que os afetava de forma positiva ou negativa, ou ainda sobre o quanto era significativo para eles. Conforme suas narrativas, a afetividade, para A1 é “[...] os amigos que sempre estão dispostos a ajudar”; no entendimento de A2 e A5, é “encontrar meus ex-colegas”. Já para A3 e A14, “é o que me faz feliz, alegre, bem”. Conforme A6, “é o meu sentimento, me faz sentir-me bem, feliz [...]”, é *ter um sentimento bom e ruim sobre uma pessoa*. Segundo A7, “de **forma positiva**, eu ganho um abraço de **alguém que eu gosto** [...]”. Para A8, “[...] a professora, demonstrando interesse no conteúdo que ela passa”. Ainda, para A9, é “algo que

faz me *sentir bem*, feliz, como a forma que a professora age com nós”. Segundo A10, “Como o colega trata quem *quer bem* [...]”, *aceito pelas pessoas e professores*”. Na compreensão de A11, é “*Ajudar* os colegas”; para A15, é “*Uma pessoa que me faz bem*” [...], enquanto o A18 diz: “*Quando encontro um colega que é meu amigo mesmo, um amigo verdadeiro* [...]”. (Questionário, 2020).

Como apresentado por A16, que *sentia-se bullingnado* pelos colegas, *triste*, mas queria ver seus amigos felizes, ou por A12 e A17, que se *sentiam solitários*, mesmo cercados de pessoas, tanto na escola quanto na família, alguns alunos apresentaram o anseio em serem valorizados e aceitos por todas as pessoas (Questionário, 2020).

Já a professora da disciplina de ciências explica que, para ela, a

Afetividade está relacionada a olhar o outro, compreender o outro como um ser que tem e expressa suas emoções, pois, o ser humano é feito de emoções e a demonstração delas resulta em afetividade. Também está ligada a empatia, quando se consegue colocar-se no lugar do outro em determinada situação, então você compreende as emoções e as ações/atitudes desta pessoa (Questionário, 2020).

As manifestações dos alunos e da professora sobre a forma de afetar ou ser afetado ao olhar o outro, compreender o outro, no modo de ser aceito, de se sentir bem, de querer bem, ajudar ou ser ajudado, sentir-se bullingnado, solitário, triste, com sentimentos bons e ruins, enfim, são inúmeras formas de apresentar a afetividade. Estas revelações nos remetem às ideias de Mahoney e Almeida (2005), que, apoiadas em Wallon (2007), exprimem que a afetividade é representada por três momentos marcantes no seu processo de evolução: pela emoção, pelo sentimento e pela paixão. Segundo Mahoney e Almeida, a afetividade refere-se “à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (2005, p. 19), ou por sensações de prazer e desprazer, ou seja, de forma positiva ou negativa.

Apoiada em Vigotski, Oliveira (1992) coloca que “o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, o qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção” (p. 76). Manifesta, ainda, que “cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação fragmento da realidade do qual se refere” (Oliveira, p. 78, 1992), ou seja, a realidade em que o aluno está inserido, no meio social como um todo.

Buscou-se compreender se os alunos e a professora de ciências consideravam a afetividade relevante para a aprendizagem e para o desenvolvimento deles (alunos), questionando-os sobre quais os efeitos dos fatores afetivos para o processo de aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos.

A maioria dos alunos consideraram que fatores como o respeito, a organização, a aceitação, a comunicação, a ajuda, a amizade, a partilha, a humanidade e a compreensão, entre outros, são fundamentais para o estabelecimento de uma relação positiva de afetividade entre professor e alunos e entre seus pares, os quais podem contribuir positivamente para sua aprendizagem, “*não só aprendizagem na aula, mas sim como pessoa*”, como afirmou A3 (Questionário, 2020); e “*um desenvolvimento bom e saudável*”, nas palavras de A15 (Questionário, 2020). Estes fatores, quando negativos, podem ser um dificultador para a aprendizagem dos alunos, como expõe A8: “*alguns efeitos positivos quanto negativos, alguns ajudam minha aprendizagem e outros não*” (Questionário, 2020).

Neste sentido, fica evidente a importância dos aspectos afetivos e emocionais no processo de ensino-aprendizagem no cenário atual de transformação da educação, em todas as etapas do ensino, conforme as propostas da BNCC (Brasil, 2017).



Considerando isto, torna-se necessário a reflexão e discussão sobre a temática na formação inicial e continuada de professores, visto que esta tem a função de prepará-los para a atuação no espaço escolar e que o principal objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. Nesse sentido, Veiga (2007) afirma que:

Vivenciar um ensino permeado pela afetividade significa o fortalecimento de um processo de conquista para despertar o interesse do aluno, objetivando a concretização do processo didático [...] para o professor desempenhar sua ação de ensinar de forma satisfatória, o vínculo afetivo é imprescindível para tornar a sala de aula um ambiente mais humanizado e mais próximo às características e necessidades dos alunos. (p. 23)

Em relação à pergunta que questiona sobre de que forma a afetividade contribui para o processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do seu aluno, a professora de ciências destacou que:

Inicia quando o professor percebe, compreende o histórico do aluno e inicia uma construção de aprendizagem a partir do que ele vive e do que ele precisa. O aluno deve sentir-se parte do grupo, da escola. É o participar da aula, desenvolver as atividades, percebendo que existo para o outro e faço parte de um grupo (PC, questionário, 2020).

Partindo dos pressupostos estudados em Wallon (2007) e Vigotski (2007), considera-se que a afetividade e a interação social são fundamentais para aprendizagem e para o desenvolvimento humano, ou seja, o afetivo e o intelecto estão “desde cedo, íntima e dialeticamente relacionados. Nessa perspectiva a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral” (Arantes, 2003, p. 19).

Isto posto, é compreensível que a relação entre o professor e o aluno se reflete nas relações do aluno com o conhecimento e na relação entre aluno e aluno, sendo relevante para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos e para o convívio não apenas na sala de aula, mas também na escola, por todos os envolvidos. Identificamos, porém, algumas dificuldades para a professora em manter esta relação de qualidade com os alunos, em razão de que a sala de aula pesquisada é superlotada, os alunos são adolescentes bem agitados na maioria do tempo, o que gera alguns conflitos e dificuldade de comunicação, entre outros fatores. Freire (2011) retrata a relevância da ação do professor em diversos momentos, quando em sala de aula, ao frisar que “uma das tarefas mais importante da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam sua experiência profunda de assumir-se” (p. 42). Assumindo-se como sujeito pensante, “comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos” (Freire, 2011, p. 42) e, por vezes, ao assumir-se, demonstra seus sentimentos, como explica o autor, “capaz de ter raiva porque capaz de amar”(Freire, 2011, p. 42), dependendo da situação vivenciada, o indivíduo, assim como quer bem, também pode sentir raiva. Concorda-se com o autor, assinalando que não se pense que “a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras” (Freire, 2011, p. 14), pois, segundo ele, “ela é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica,[...] ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (Freire, 2011, p. 14) e, portanto, ainda é necessário que se reflita bastante sobre essa questão.

Conclusões

Ao concluir a análise desta pesquisa, observa-se que os alunos e a professora de ciências foram construindo compreensões sobre o quanto a afetividade é fundamental no ambiente escolar. Observou que algumas percepções e significados constituídos, por vezes equivocados ou por outro viés de conhecimento, por meio da pesquisa vislumbrou-se outros saberes a partir dos autores Wallon (2007) e Lev Semionovitch Vigotski (2007) e colaboradores, contribuindo para a reflexão no espaço educativo, tanto pelos alunos e pela professora, quanto pelas pesquisadoras. Entendeu-se que, dependendo do

que ocorre com o sujeito onde ele está inserido, isto pode afetá-lo de forma positiva ou negativa. Assim, ao criar uma relação positiva entre professor, aluno e aluno, esta possibilitará que as aulas se tornem significativas, com estudantes envolvidos, promovendo simultaneamente a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento. Evidencia-se, portanto, que o desenvolvimento cognitivo é dependente do desenvolvimento afetivo, segundo a perspectiva teórica histórico-cultural assumida neste trabalho.

Acreditando que esta pesquisa venha a contribuir nesta perspectiva, ressalta-se que, no contexto de formação e atuação do professor nos dias atuais, temos ainda um longo caminho pela frente de discussões que se fazem necessárias sobre o tema, a fim de pontuar os fatores facilitadores e dificultadores destes processos e promover mudanças significativas nesse cenário. É importante salientar, em relação à educação, de um modo geral, que todas as escolas de Educação Básica, bem como todo o sistema de ensino, estão em processo de mudança, em adaptação às novas propostas da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017) para a Educação Básica. Com renovação pautada nos direitos humanos e nas emoções, contemplando a comunicação, os sistemas de relações, os tratamentos aos conflitos sociais e emocionais, entre outros fatores relevantes, acredita-se que tais mudanças buscarão refletir as situações emergentes e atuais no ambiente escolar. Por fim, considera-se importante refletir, debater e construir estratégias que ofereçam, tanto na sala de aula quanto na escola, um clima de segurança e confiança, com o respeito à individualidade de cada sujeito e com o direito à liberdade de expressão afetiva, física e criativa, que possibilitarão o seu desenvolvimento global.

Referências bibliográficas

- Arantes, V. A. (org.) (2003). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Brasil. Ministério da Educação (MEC). (2017). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base*. Brasília: MEC. Versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Recuperado de: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 04 junh. 2019.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Leite, S. A. S. (2012). Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, Campinas, 20(2), 355-368, dez. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em 08 jan. 2020.
- Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (2005). A Afetividade e a aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação*. São Paulo, n. 20. pp. 11-30.
- Marconi, M. A; Lakatos, E. M. (2003). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Moraes, R.; Galiuzzi, M. C. (2011). *Análise textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí.
- Oliveira, M. K. (1992). O problema da afetividade em Vygotsky. In La Taille, Y., Oliveira, M. K., Dantas, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Tassoni, E. C. M. (2008). *A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização* (Tese de Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, SP, Brasil.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, RS: Bookman.



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

-
- Veiga, P. I. (2007). Ensinar: uma atividade complexa e laboriosa. In VEIGA, P. I. *Lições de Didática*. 2. ed. Campinas: Papirus.
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L.S. (2010). Aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar. In Vygostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 11ª. Ed. São Paulo: Ícone, pp. 103-116.
- Wallon, H. (2007). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes.